

## ARTIGO

# Um analista no barco da civilização: A relação entre Ulisses e os marinheiros através da psicologia de massas de Freud

## An analyst on the boat of civilization: The relation between Ulysses and the sailors through the group psychology of Freud

Fábio Moreira Vargas

Graduado em Filosofia. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, SP – Brasil.

**Resumo:** O presente artigo procura aprofundar a relação Freud e Marx através das interpretações elaboradas pelos autores da teoria crítica. Focando principalmente na leitura de Homero (*A Odisseia*) feita por Adorno e Horkheimer, deseja-se mostrar que é possível pensar a relação entre Ulisses e seus marinheiros (no episódio da passagem do barco de Ulisses pelo estreito das Sereias) através de noções oriundas da psicologia das massas de Freud. Pretende-se, assim, movendo-se no diagnóstico dos autores críticos, ratificar a estreita relação entre civilização e barbárie através da análise dos pressupostos psíquicos da dominação que o episódio homérico nos evidencia.

**Palavras-chave:** Freud e Marx; psicanálise e teoria crítica; Adorno e Horkheimer.

**Abstract:** The present article aims to deepen the relation between Freud and Marx through the interpretations that were formulated by thinkers of the Critical Theory. We will focus on Adorno and Horkheimer's reading of the Homer's book *The Odyssey* and we will try to show that it is possible to think the relation between Ulysses and his sailors (in the specific passage from the book where Ulysses meets the sirens) through the categories from group psychology of Freud. Thus, from the authors' diagnosis perspective, we intend to ratify the tight relationship between the notions of civilization and barbarism through the analysis of the psychical presupposes of domination that the Homeric episode brings to light.

**Keywords:** Freud and Marx; psychoanalysis and critical theory; Adorno and Horkheimer.

## Introdução

*A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão.*

(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 41)

O presente texto abordará alguns desdobramentos extraídos do aprofundamento de uma relação: Marx e Freud. Todavia, esta empreitada dar-se-á através da leitura feita pelos autores da teoria crítica tal relação. De modo específico, trata-se de aprofundar uma estrutura de análise — que fora feita de modo mais explícito por Marcuse — acerca do encontro entre psicanálise e crítica da cultura. Aprofundamento porque as reflexões aqui retomam e se movem em solo já clássico da relação teoria crítica e psicanálise, mas procuram se situar em outro aspecto teórico. Dentro do quadro de análise da epopeia homérica no interior da obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), analisaremos um episódio particular: o momento da passagem de Ulisses pelas Sereias, mas através de um texto específico de Freud que consideramos potente para retificar a união Freud e Marx (via teoria crítica) e, assim, evidenciar como a psicanálise confirma, do interior mesmo de uma passagem crítica da obra de Adorno e Horkheimer, a constatação de que o patrimônio cultural da humanidade está atrelado ao trabalho comandado e à dominação do homem pelo homem, tal como anunciado pelos frankfurtianos. Estabelecemos, assim, outra relação no interior de uma clássica união no sentido de que Marcuse, ainda que tenha se servido de Freud de modo contumaz para construir sua crítica cultural em *Eros e Civilização* (1981), não “aplicou” o pensamento freudiano à análise do episódio homérico, como aqui faremos. Freud, nesse sentido, poderia explicitar e oferecer uma potente interpretação acerca da relação entre Ulisses e os marinheiros na medida em que em sua obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (2011) há uma análise acerca da construção das massas por meio de um líder, e a sofisticação do mecanismo de controle sobre as consciências individuais. Se Ulisses encarna o Esclarecimento e se a passagem pelas sereias é prototípica do entrelaçamento entre mito, razão e divisão social, então supor que haja um analista a bordo do barco da civilização pode ser assaz profícuo para mostrar como, junto a essas determinações pontuadas por Adorno e Horkheimer, há também uma transformação psíquica da mente individual (marinheiros) que legitima e possibilita a sua situação de explorada. Via Freud, assim, retomaremos a problemática da *Dialética*, evidenciando como a “inescapável compulsão da dominação social” pressupõe a mobilização de estratégias no psiquismo a fim de acrescentarmos ainda mais recortes à já clássica e pluritemática passagem de Ulisses pelas Sereias. O trabalho desenvolver-se-á, para tal, em duas partes.

Na primeira, de modo extremamente breve, reconstruiremos a problemática civilização e cultura, focalizando a crítica elaborada contra a visão da civilização como progresso. Se, de fato, através da *Dialética*, sabemos que a civilização está já unida à barbárie desde o início e de modo estrutural, recolocaremos essa tese, mas, aqui, para chegarmos à problemática psíquica, com Freud. Passaremos, assim, para a segunda parte do trabalho onde serão estreitadas as análises de Freud com a Odisseia, fazendo unir a interpretação freudiana das massas, dos líderes, e dos requisitos para tal na mente individual com a figura de Ulisses e os remadores. Nesse percurso, servir-nos-emos essencialmente dos teóricos críticos e de Freud, sobrevoando algumas obras paralelas desses autores a fim de aprofundar nossa intenção.

## Civilização e Cultura: Tragicidade e Barbárie

*A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos [...].*

(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47)

Precisamos reconstruir brevemente a tese a ser refutada. A crítica diz respeito a uma dura constatação para a racionalidade humana e para a história do homem, magistralmente posta pela frase de Walter Benjamin em *Sobre o Conceito de História* (1994): “Nunca houve um monumento de cultura que também não fosse um monumento de barbárie”. A civilização em suas transformações e mudanças não realizou suas promessas de libertação e emancipação do gênero humano como tanto se apostou e defendeu, antes, é o oposto que se desenha mais intensamente. Eis um dos motes centrais da produção frankfurtiana<sup>1</sup>. Esta combate claramente certo desdobramento da filosofia de Hegel. Para este, “a série completa das formas da consciência não real resultará mediante a necessidade do processo e de sua concatenação mesma” (HEGEL, 2016, p. 29) em um devir histórico da “substância espiritual” que conduz a equacionar desenvolvimento da história do homem e do mundo como progresso, na medida em que a negatividade dialética própria às transformações das figuras que se desenrolam no tempo dão conta do enriquecimento, em certo sentido, a cada novo estágio. As drásticas experiências de quase morte que sofre a consciência ao longo do processo são negativas apenas para ela que, engajada na vivência, não pode compreender que parte e todo se implicam reciprocamente numa totalidade que conduzirá, ao fim das fissuras e ao repouso da reconciliação, à identidade do sujeito e do objeto. A história, mesmo em sua tragicidade, pode ser equacionada com a evolução cada vez mais enriquecida e próspera rumo a um estágio final. A necessidade do processo, explícito pela estrutura da dialética hegeliana, faz mostrar a racionalidade operante a cada estágio do real. A dimensão civilizatória se une a um progressivo caminhar reconciliador no tempo.

Para os frankfurtianos, em contraste, e apesar da importância de Hegel, o processo histórico deve ser pensado em sua dialética particular sem que, todavia, haja uma síntese possível, alguma espécie de reconciliação das fissuras e contradições que silenciasse às negatividades imanentes ao processo. De fato, no caminho histórico do desenvolvimento da civilização, teremos de nos defrontar com a opressão, com a violência, com a exploração do homem pelo homem<sup>2</sup> de modo que esses elementos não sejam exteriores ao processo civilizador, e isto será fundamental. Esses elementos não são erros de percurso, aspectos ainda não desenvolvidos de uma suposta perfectibilidade — faz parte da estrutura do processo carregar a barbárie social. A estimada formação cultural<sup>3</sup> do homem é um processo de amortecimento e domesticação, a história não é o caminhar do progresso, mas de uma típica tragédia e a civilização, por fim, é luta entre a pulsionalidade e a repressão, com os consequentes sofrimentos cada vez mais

1 Sabemos do equívoco existente em classificar os autores situados em torno do Instituto de Pesquisa Social de “Escola de Frankfurt”, dadas as disparidades significativas no interior do heterogêneo grupo. Mas aqui nos serviremos, essencialmente, de Adorno e Horkheimer e, logo, pela designação “frankfurtianos” estamos pensando diretamente nos dois.

2 Seria, evidentemente, necessário dialetizar, por assim dizer, a concepção da condenação do progresso pelos teóricos críticos. Não parece ser o progresso simplesmente a noção atacada; mas certa falsidade da compreensão da racionalidade como presença na história que conduziria necessariamente ao fim das contradições na dinâmica social. Não será nosso objeto determo-nos neste ponto aqui.

3 Sem nos determos nas múltiplas formas que esse debate encarna, esclareçamos que Civilização e Cultura são, didaticamente, separadas de forma que a primeira signifique os avanços técnicos e instrumentais do desenvolvimento da humanidade (atribuídos por alguns autores a sociedade francesa) e que caberia à Cultura a dimensão formativa do gênero humano, isto é, o cultivo de si através da centralidade da educação (chave para se pensar a importância da ideia de universidade e de formação para alguns alemães). A querela estará amplamente presente nos debates acerca da unificação alemã; das discussões sobre as formas de cultivo e formação de um povo, bem como da forte oposição que se desenhará (principalmente entre os universitários alemães) entre a formação integral do sujeito e a “superficial” aquisição de elementos civilizatório: como a moda, a técnica, etc. Ainda que uma discussão importante para se focalizar a investigação acerca da racionalidade inerente ao desenvolvimento da civilização (e como a Cultura poderia ser integrada nesse processo), não teremos prejuízos para o presente trabalho se não no detivermos mais intensamente nesse ponto. CF. ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993; RINGER, F. *O declínio dos mandarins alemães*. São Paulo: Edusp, 2000.

elevados no homem civilizado (daí, entre outras coisas, a importância de Nietzsche, Schopenhauer e Freud para os frankfurtianos). E esses aspectos não poderão ser separados da atenção dada à luta de classes e à estruturação da divisão social dos homens engendradas pela sociabilidade tal como ela se dá. Veremos.

A maneira como podemos compreender este vil processo é focalizarmos a atenção na ideia de racionalidade. Pois o *tipo de razão em andamento na história não é aquela da formação cultural e do progresso, do enriquecimento e da evolução; mas, numa antítese de Hegel, é signo de um radical progresso da exploração, dominação, renúncia e violência*. A equação entre civilização e um modo muito particular de racionalidade nos leva ao coração do problema: o esclarecimento. Aprofundemos brevemente o tipo de “estrutura” subjacente a esta racionalidade para chegarmos a como Ulisses pode encarnar um momento inicial e fundamental da história da civilização.

Afinal, que é o esclarecimento? “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19). Podemos tentar sumarizar a questão: o esclarecimento seria algo como um mecanismo que se acionaria em certo momento muito inicial da própria história do homem, mecanismo que se explicita centralmente na forma como eles se relacionam com a natureza e com a intensidade de seus perigos. O controle do mundo natural, exigido por um sujeito que teme as obscuras manifestações da natureza, pode ser equacionado à necessidade de autoconservação do indivíduo. Nesta união de controle/domínio e conservação, são lançadas estratégias próprias, pela humanidade, ao longo de seu desenvolvimento que se sofisticam ainda que mantenham seu núcleo comum de intenção. É nessa lógica implacável que podemos pensar que os mitos criados nos primórdios da humanidade já eram uma forma de lidar com os grandes medos e afrontamentos frente ao desconhecido, pois os “mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como objetivo a ser alcançado” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 23). E, assim, ao narrar as origens, os processos, ao dar inteligibilidade à natureza, através da mitologia, os homens adquirem controle sobre ela. Esse processo de controle do ignoto, estrangeiro, do domínio do mundo desconhecido, num certo momento, vai servir-se da racionalidade. Nesse sentido, a razão (e aqui já compreendemos a subversão da leitura de Adorno e Horkheimer) teria, no fundo, a mesma intenção que tinham os mitos — controlar a natureza. Tipicamente inerente à sua forma, ela desencanta o mundo, para lembrarmos Weber. Se “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo”, se “sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19), esse saber não era pragmaticamente ingênuo, mas um saber a serviço de uma função: “A técnica é a essência desse saber, que não visa nem conceitos nem imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outro” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

A lógica implacável do domínio que atingirá séculos depois a fria técnica do laboratório e da manipulação calculada do objeto completamente domado e desprovido de suas qualidades (o neopositivismo e sua redução do real a óbvios fatos é exemplar), este mecanismo que progressivamente se alça a níveis cada vez mais amplos e complexos, com o objetivo de tornar o mundo cada vez mais “domando” e garantir a conservação do humano, este movimento que tem nas formas de racionalismo moderno apenas exemplos recentes de sua processualidade, será, igual e concomitantemente, signo da violência e da barbárie. E aqui, ao que nos interessa, porque “a dominação da natureza envolve a dominação do homem” (HORKHEIMER, 2015, p. 106). Há, no processo do esclarecimento, desde suas origens, o anúncio do controle do próprio homem através de mecanismos racionais.

Essa dominação do mundo externo através de diversos recursos mobilizados pelos homens não tardaria a apontar para o domínio das relações entre eles, já que a “essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47). A dominação ilimitada da natureza, a divisão social do trabalho, a administração burocratizada de toda sociedade nas modernas culturas de massa, bem como a “administração científica das necessidades instintivas” (MARCUSE, 1981, p. 14), todos esses elementos são continuidades do processo esclarecedor que a história do homem faz surgir na Terra. São continuidades da exata medida em que é da essência do caminho de desenvolvimento da racionalidade não apenas o domínio progressivo cada vez mais amplo da natureza externa e interna do homem (negar a natureza do interior do sujeito que poderia abalar a sua identidade), mas da conservação desse controle através da mais eficiente forma que a racionalidade possa encontrar. Mas esta é a sórdida contradição. Se o desejo do esclarecimento é dominar e, em certo sentido, dar ao homem controle para sua própria autoconservação e sua possível liberdade, “[...] a Terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19).

E para melhor pontuarmos a dialética própria ao esclarecimento, pensemos em Ulisses. Deixemos claro: em Homero, já teríamos a ambivalência típica do processo civilizador desenvolvido em suas principais linhas de força, isto é, a racionalidade que progressivamente dá ao homem controle sobre o mundo, doma igualmente o próprio homem, evidenciando, nesse específico ponto, o marxismo operando através de Adorno e Horkheimer. Trata-se de pensarmos a faceta da exploração das relações sociais do interior da lógica do esclarecimento no seu momento auroral e explicitada na epopeia homérica.

Lembremos que o capitalismo, tal como pensado no momento de produção dos frankfurtianos, encontrava-se em uma nova fase de seu desenvolvimento — trata-se do capitalismo monopolista de estado, momento pós crise de 29, onde a regulamentação estatal deveria ser integrada à maior potência organizacional da vida do capital. Entre outros fenômenos centrais do desenvolvimento da nova escala dos monopólios do controle da vida social, elevando a acumulação e a concentração do capital a níveis altíssimos, através da mercantilização de toda vida social, repousa a emblemática situação *das massas integradas à lógica do consumo*. Não podemos perder isso de vista, pois se “a civilização nos tirou do barbarismo, mas, também, o promoveu em novo plano e continua a fazê-lo” (RÜDIGER, 2004, p. 21), é porque a racionalidade própria à lógica do esclarecimento está na raiz das novas possibilidades de controle social que os frankfurtianos analisam. Controle de sofisticadas faces: seja na gradativa substituição da razão objetiva em subjetiva (HORKHEIMER, 2015), seja nos mecanismos de propaganda da indústria cultural na mercantilização dos bens de cultura que, ao invés da emancipação, aprofundam a alienação, seja através dos procedimentos instrumentais originados da economia de mercado (RÜDIGER, 2015, p. 50) que elevam a capacidade de controle e dominação, típicas da racionalidade, ao seu patamar social mais perverso. O esclarecimento é totalitário, entre outras razões, pela capacidade de a tudo envolver em sua lógica implacável, de tal modo que “a própria razão se tornou um mero adinículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba.” (ADORNO; HORKHEIMER, p. 1985, p. 42).

Se isto está claro, a essência do esclarecimento, é Ulisses que nos ajudará a perceber que a relação social de explorado e explorador, presente na sociabilidade humana há milênios, mas elevada às máximas contradições internas no sistema capitalista de produção (DOBB, 1977), já se anuncia profundamente entranhada na racionalidade esclarecida e, ao mesmo tempo, acompanha o desenvolvimento da civilização desde sua aurora. É neste sentido que podemos compreender o entrelaçamento de dominação, mito e trabalho, a astuciosa posição de Ulisses, o “senhor de terras que faz os outros trabalharem para ele” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 45). Aqui chegamos ao

cerne de nossa argumentação, pois “as medidas tomadas por Ulisses quando seu navio se aproxima das Sereias pressagiam alegoricamente a dialética do esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 45, grifo nosso).

Marx ensinou-nos que o mais complexo é a chave de compreensão do menos complexo, que a evolução do capitalismo em seu desenvolvimento é que nos explica a lógica dos modos de produção da riqueza social anteriores em sua maior inteligibilidade. Isso significa dizer que o “presente ilumina o passado” (NETTO, 2011, p. 48) e, nessa posição, podemos pensar que, à luz das formas contemporâneas de exploração e dominação social que os autores analisam, podemos compreender o desenvolvimento das auroras dos processos de controle social unidos ao esclarecimento tal como a alegoria nos aponta. Se esta posição poder ser sustentada, as relações de hierarquia social do moderno capitalismo monopolista, pondo às claras a lógica de integração social para maior controle das massas numa sociedade altamente organizada, planificada, instrumentalizada, ilumina a passagem de Ulisses pelo estreito das sereias<sup>4</sup>. De que forma?

Entre os remadores que trabalham e Ulisses que ouve o canto das Sereias já se delimita a clara divisão social do trabalho que engendrará a sociedade tal como conhecemos nos modernos ciclos fabris da produção social. A contradição central do modo de produção capitalista pode ser já prenunciada em Homero, isto é, a produção torna-se socializada, os vários trabalhadores intrinsecamente unidos na produção das mercadorias, mas esta socialização, na medida em que é progressivamente aprofundada, tem como contrapartida a apropriação privada dos resultados do trabalho. *O burguês, proprietário, não está na mesma posição social, política e psíquica que seus trabalhadores. Assim como Ulisses não estará.* As relações sociais no interior da lógica do modo de produção capitalista, e a propriedade privada dos meios de produção fundamentais da riqueza social, podem ser percebidas, alegoricamente, na relação entre Ulisses e seus marinheiros. É aqui que a alegoria se aproxima do materialismo marxista de Adorno e Horkheimer. É aqui que a astúcia de Ulisses, a forma como a racionalidade é operacionalizada no momento da passagem pelas Sereias, pode ser exemplar de como o desenvolvimento da sociedade industrial se processa do controle da natureza e do próprio homem, uma vez que “o servo permanece subjugado no corpo e na alma” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 46).

Mas se a astúcia de Ulisses o impede de entregar-se ao canto das Sereias, que pode isto significar? Além da relação estabelecida pelos autores acerca da arte e seu potencial emancipador que é negado ao trabalhador (pois os marinheiros estão remando com os ouvidos tampados, assim como a formação cultural é amplamente sorvida pelo burguês às expensas da sustentação da riqueza social pelo proletariado), podemos ver o canto das Sereias como a memória do próprio processo antiquíssimo no qual o esclarecimento está inserido, pois elas “sabem tudo o que jamais ocorreu sobre a Terra tão fértil” (HOMERO apud ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 44) e ouvi-las poderia fazer despertar a percepção profunda da barbárie unida à

4 As análises que se seguem aproximam a reflexão dos frankfurtianos quanto ao marxismo, mas uma palavra sobre esse processo: chamado de “Marxismo ocidental” (ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Boitempo, 2004), poderíamos lembrar que o solo de produção dos primeiros autores da chamada teoria crítica centra suas análises, diríamos grosseiramente, na superestrutura social, isto é, da economia política de Marx, esses pensadores se concentram menos na investigação dos processos produtivos do que à esfera da circulação das mercadorias, e seus impactos na vida psíquico-social dos homens. Esta posição é importante, pois críticos essencialmente munidos do arsenal teórico-metodológico do marxismo, todavia, direcionam suas posições acerca da situação cultural da vida social (sem perder, acreditamos, a compreensão da centralidade dos processos produtivos no modo de produção capitalista). O que faz permanecer em suas posições, mote central da própria tematização da *Dialética do Esclarecimento*, uma discussão sobre os mecanismos da formação ideológica; a possibilidade da arte como veículo libertador; a integração à sociedade administrada, amplas análises desdobradas, de certo sentido, mais do fetichismo de mercadoria do que da produção material das mesmas. Apesar dessa importante “posição” no interior das possibilidades de análise marxista, acreditamos que a perspectiva aqui defendida mantém-se razoável.

própria civilização. Por isso é preciso “recalcá-las”, isto é, impedir a memória dos trabalhadores. É como se elas cantassem, nessa interpretação, a própria sustentação exploratória do desenvolvimento da cultura. Entregar-se ao canto é entrar em contato com aquilo que o esclarecimento precisará negar, suprimir, vencer, isto é, “o passado recente” que as Sereias pressagiam. A cultura, nessa equação, em seu poder emancipador e, de alguma forma, libertador, não é para todos. É desse modo que os remadores trabalham e, trabalhando, levam o barco da civilização nos ombros, não ouvindo a potência da arte, não podendo entregar-se à natureza dos próprios instintos; trabalham surdos à beleza, à memória, homens sem história porque o passado sedutor não poderá atingi-los com seu poder revelador. Eles mantêm, assim, o projeto do esclarecimento ao preservar a astúcia de Ulisses que assume o papel do controlador da situação através de sua razão instrumental, isto é, da capacidade de adequar as estratégias mais eficientes possíveis para o domínio da natureza e do meio social. Ulisses substitui-se ao trabalho, os remadores farão a atividade braçal enquanto o esclarecimento continua sua meta infinda de dominação e clareamento do mundo das trevas míticas.

Feita esta pequena incursão, voltemos à nossa principal intenção neste trabalho: se a lógica do esclarecimento se desenha cedo na história humana – as sofisticadas análises de Adorno e Horkheimer quando se debruçam sobre os mecanismos de controle psicológico da sociedade nas modernas sociedades de massa –, poderia igualmente ser vista já em Homero? Esta faceta regressiva da civilização, onde a “manipulação da psicologia das massas tomou o lugar da ideologia” (RÜDIGER, 2004, p. 65) poderia ser igualmente e, alegoricamente, compreendidas como já em operação em Homero? Acreditamos que sim.

Para tal, deixemos claro: não se trata de mapear a presença das categorias psicanalíticas freudianas em sua amplitude pelos autores críticos; tal trabalho é interessantíssimo, mas nos escapará aqui. Desejamos, antes, servir-nos de Freud, como um autor sabidamente importante para os frankfurtianos, para evidenciar *os elementos psíquicos que estão presentes na descrição de Adorno e Horkheimer quando analisam a passagem de Ulisses pelas Sereias*. Tais autores viram elementos regressivos da civilização já na aurora do processo do esclarecimento (tendo Homero como ponto central) e, nesse sentido, a psicologia das massas (como altamente desenvolvida por Adorno quanto ao fascismo e como elemento importante da barbárie do século XX) também pode ser prenunciada em Homero. Ver um analista no barco da civilização é justamente mostrar como a relação entre massas e líder, fator importante das sociedades modernas, já estava igualmente em Homero.

Freud analisou detidamente as especificidades da manipulação das massas através de líderes, atento nas mudanças estruturais no interior da psique para que a legitimação psicológica da manipulação pudesse dar-se. Ele centrou suas análises nas figuras de liderança do exército e da igreja (o general e o sacerdote, por exemplo) e é interessante lembrarmos, inclusive, que o próprio Ulisses é diversas vezes caracterizado como chefe, líder, general e como semelhante a uma divindade. Pensar o barco da civilização, momento em que o esclarecimento escancara sua ambivalência estrutural, através dos olhos de um analista que possa indicar a relação entre os remadores e Ulisses de dentro da estrutura psicológica, é ratificar a complexa união Marx e Freud, pensar as estruturas da exploração (tal como descritas por Marx) em seu processamento subjetivo (Freud), pensar as categorias da estruturação psicológica, tal como a psicologia freudiana, em seus substratos materiais na sociedade. Em última instância: *iluminar o sentido psicológico da dominação*. A polêmica histórica do freudo-marxismo não buscou, em seus melhores momentos, outra coisa.

## Um analista a bordo da civilização

*É precisamente essa idealização de si mesmo que o líder tenta promover em seus seguidores, e que é auxiliada pela ideologia do Führer. As pessoas com quem ele tem de contar padecem geralmente do conflito moderno característico entre uma instância do eu racional, fortemente desenvolvida e autoconservadora, e o contínuo fracasso em satisfazer as demandas de seu próprio eu.*

(ADORNO, 2015, p. 10)

Parece-nos que se é correto estender até momentos antigos da história a situação de exploração do homem sobre o homem e se a psicanálise é convidada pelos autores críticos para uma “psicanálise do espírito objetivo” (ROUANET, 1989, p. 211), isto é, uma análise sócio histórico psicológica do desenvolvimento da humanidade em seus momentos fundamentais, a pergunta, através da análise de Ulisses e seus remadores, acerca de que tipo de arranjo estrutural psíquico é necessário ser pensado para que a dominação se justifique, é uma questão legítima que envolve, centralmente, a era moderna industrial e seu desejo de máxima integração dos indivíduos à lógica sistêmica do capital. Isso nos recoloca na dimensão da forma como o trabalho é distribuído no capitalismo monopolista e como ao sujeito que produz a riqueza social, o marinheiro surdo à possibilidade da emancipação cultural, cabe sujeitar-se à lógica planificadora. Sigamos por partes.

Se Ulisses encarna o esclarecimento e, se o advento da exploração social é consequência inevitável, que ferramentas o esclarecimento mobiliza para construir a obediência, a servidão e a manipulação? Isso não é detalhe pequeno: estamos no coração da discussão acerca dos mecanismos de manutenção que, por exemplo, levarão Marcuse à sua ideia das revoluções traídas (MARCUSE, 1981, p. 92); Adorno a investigar os mecanismos utilizados na propaganda fascista norte-americana (ADORNO, 2005, p. 187); bem como, junto com Horkheimer, às discussões acerca da Indústria Cultural e sua eficácia (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113). Se a antiga epopeia já comporta o desenvolvimento amplo do esclarecimento, também pode explicitar, talvez como necessária contrapartida psíquica de todo o caminhar da *Aufklärung*, mobilizações específicas na mente individual. Pensar sobre a estruturação psicológica em determinado contexto social fora, afinal, questão central para os teóricos críticos. Que pensava Freud sobre as massas e como elas poderiam ser formadas?

A primeira questão fundamental para nós é a observação de Freud acerca das especificidades de uma massa; de fato, os indivíduos no interior de um aglomerado devem ser considerados anômalos em relação à sua vida cotidiana “individual”. Do fato, descreve Freud (2014), citando Le Bon: “os sentimentos da massa são sempre simples [...]” (p. 26) “[...] ela não conhece dúvida nem incerteza [...]” (p. 26), “[...] a massa é impulsiva, volúvel, é guiada quase exclusivamente pelo inconsciente[...]”, “[...] as massas nunca tiveram a sede da verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas, o irreal tem primazia sobre o real” (p. 29). Mas o mérito de Freud ao analisar os fenômenos de massa é justamente não ver nessas peculiaridades (traços explicitamente negativos, uma certa situação onde os indivíduos perdem parte de sua identidade) traços irreduzíveis e originários mas explicitar o modo pelo qual outros elementos mais “originários” são mobilizados.

A consequência mais importante da introdução de Freud da libido na psicologia de grupos é que os traços geralmente atribuídos às massas perdem seu caráter ilusoriamente primordial e irreduzível... o que é peculiar às massas, de acordo com Freud, não é tanto uma qualidade nova, mas sim a manifestação de antigas, usualmente ocultas. (ADORNO, 2015, p. 161)

Isso significa que as massas não se formam simplesmente por uma tendência inata de um “instinto gregário”, isto é, alguma energia ou pulsão que unisse os seres humanos espontaneamente numa espécie de anterioridade da comunidade em

relação aos indivíduos (caso pensássemos com Aristóteles), mas pela mobilização de estruturas arcaicas que, dada alguma situação profícua para sua emergência, se rearranjam em ordem tal que seja possível o surgimento de uma massa. Em outras palavras, há formas sociais que facilitam o desenvolvimento de ligações afetivas entre os indivíduos. Não é uma questão menor, ainda mais quando pensada sob a ótica do processo inexorável que o esclarecimento produziu acerca das estratégias cada vez mais sofisticadas de integração. Estamos nos movendo nada mais nada menos do que sobre a questão do poder no interior das relações sociais e como Ulisses pode ter os efeitos que tem na mente individual de cada marinheiro que é por ele subjugoado.

As formas objetivas de dominação encontrarão assim sua ratificação subjetiva, acordo “inexplicável” que constitui seu baluarte aparentemente inexpugnável, assento do poder, como se a essência mesma do homem solicitasse, desde dentro de si mesmo, o exercício da dominação (ROZITCHNER, 1989, pp. 36-37).

As coisas se passam nesse silencioso acordo entre Ulisses e os remadores porque “se o indivíduo abandona a sua peculiaridade na massa... ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles” (FREUD, 2011, p. 45). Há, destarte, no processamento psíquico dos indivíduos sujeitos à formação de massa, elementos de ligação muito fortes entre os indivíduos que são centrais para que, perdendo traços de sua própria individualidade, eles possam integrar-se a um conjunto massificado. A necessidade de acordo, posta por Freud, refere-se a uma exigência psicológica de não confronto com os outros e também com o líder. *Isso acontece porque nas massas os sujeitos estão identificados uns aos outros, isto é, semelhanças entre eles formam uma ponte de adequação acerca de algum comportamento.* Se assistimos a uma “ausência de liberdade do indivíduo na massa” (FREUD, 2011, p. 49), trata-se de encontrar qual é a motivação dessa semelhança entre os sujeitos massificados, semelhança que possibilita a identificação e, veremos, a passividade. É esta estrutura que nos explicará a diminuição da liberdade e a limitação racional. Esta mobilização específica poderá levar à explicação da relação de Ulisses com seus marinheiros.

O silencioso acordo que possibilita a manutenção da divisão social do trabalho através da identificação dos sujeitos entre si repousa na definição mesma das massas por Freud: “Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que possuíram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se com os outros em seu Eu” (FREUD, 2011, p. 76).

O que isso significa? Precisamos lembrar-nos da topografia anímica proposta por Freud<sup>5</sup> acerca da estrutura do funcionamento mental, isto é, o Id (descrito, em 1933, como representante das “paixões irrefreadas”), o Eu (núcleo da consciência e

5 A referência acerca da localização teórica dos elementos das tópicas em Freud não será por nós desenvolvida exaustivamente, bastando o que se segue: é sabido que há modelos distintos propostos por Freud ao longo de sua teorização. Alguns consideram haver uma primeira e depois uma segunda tópica, respectivamente nascidas em *A interpretação dos Sonhos* (1900) e *O Eu e o Id* (1923) (MEZAN, MONZANI). Outros, mais afeitos à teorização de analistas franceses, preferem chamar o segundo modelo do aparelho mental de estrutural (FIGUEIREDO). Mas esta separação é didática, e os grandes comentários de Freud vão na direção de aprofundar as relações entre elas bem como mostrar que praticamente todos os elementos da “segunda tópica” estavam já, de algum modo, postos na primeira (GREEN, MONZANI). Isso significa que, em Freud, a ideia de ruptura radical tanto quanto a de continuidade natural não são boas formas de pensar o desenvolvimento psicanalítico e, assim, a rígida separação entre as tópicas através de suas categorias não parece se adequar muito confortavelmente. Aqui, tomaremos *Psicologia das massas...*, de 1921, mas absolutamente cientes de que as categorias mobilizadas por Freud nessa obra (já enriquecidas pela virada teórica de 1920 com *Além do princípio do prazer*) estão já prenunciadas em diversos momentos de teorização, não nos fazendo sentido pensar, aqui, em tópicas. As ideias de Eu ideal e Ideal do Eu remontam, mais solidamente, à *Introdução ao narcisismo* (1914), a reflexão sobre identificação remonta do estudo metapsicológico de *Luto e melancolia* (1917) até as longas e imprescindíveis correspondências de Freud com Fliess; as reflexões sobre os impactos do mundo social na estruturação mental datam já dos *Estudos sobre histeria* (1905). Trabalhando com os conceitos sem acompanhá-los em sua genealogia, aqui, servimo-nos do necessário para melhor caracterizar a formação das massas através de suas linhas mais importantes. Freud interessou-se por problemas teóricos às vezes antes de ter desenvolvido completamente o ferramental teórico que lhe desse clara inteligibilidade, assim como aplicou conceitos já desenvolvidos a

da parte “superior” do aparelho mental) e Super-eu (elemento exterior introjetado, através de sofisticadas mediações e que representa as exigências culturais, históricas e etc.). Se o Ideal do Eu (desde 1914, *Introdução ao Narcisismo*) é uma representação da exigência à qual o sujeito está submetido, exigência social engendrada pelas relações sócio familiares e se essa função será, adiante na obra de Freud, incorporada à estrutura do Super-eu (como aquela instância que exige a perfeição impossível e a busca constante de aquisição dessas exigências), quando nos deparamos com uma multidão que coloca um único objeto externo como seu Ideal do Eu, isso possibilita entender que o sujeito, afeito a esta condição, “está empobrecido, entregou-se ao objeto, colocou-o no lugar do seu mais importante componente” (FREUD, 2011, p. 73). Com esta possibilidade, retomemos Homero: isso possibilita que Ulisses, como a figura ideal à qual todos devem se submeter se sustenta, na economia psíquica daqueles que trabalham, através de processos de submissão inconscientes: se a instância responsável pela “administração” dos ideais está “fundida” a uma figura externa, é natural que este objeto externo detenha o poder do controle dos Ideias do Eu, logo, converta-se em elemento altamente poderoso e manipulador. A submissão da massa de marinheiros sem história, que não ouvem com os próprios ouvidos, explicita um mecanismo arcaico da produção do adestramento do homem pelo homem, num acordo diabólico entre esclarecimento e mobilização estrutural de forças mentais. Podemos dizer que as relações sociais que sustentam a exploração do trabalho terão uma formação psicológica típica das massas submissas.

Que faz o líder para a manutenção de sua posição? Sustenta sua condição de líder aprofundando a identificação da massa que, agindo “externamente” a si mesma, não é capaz de perceber o mecanismo que produz sua submissão — os avatares ideias, sabemos com Freud, são inconscientes. Toda limitação, fragilidade, negatividade será extirpada num processo delirante através do qual há um ganho narcísico (ADORNO, 2015, p. 177) em seguir, obedecer, num acordo imaginário entre opressor e oprimido. Quanto mais significativa esta peculiaridade em comum nos marinheiros, tanto mais forte será a ligação entre eles e tanto mais suscetíveis estarão daquilo que Freud nomeou “idealização”.

Afirmamos que Ulisses pode ser visto como o burguês e, ao mesmo tempo, como encarnação do esclarecimento em sua astúcia do uso racional de controle; voltemos a isso munidos das análises precedentes: o líder Ulisses, burguês esclarecido, recebe sua força da limitação da massa no sentido em que “ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo<sup>6</sup>” (FREUD, 2011, p. 71). Aprofundemos brevemente a ideia de identificação. Conceito fundamental em Freud, a identificação para a psicanálise, através de seus ciclos próprios de desenvolvimentos ao longo das fases da vida individual, é um dos mecanismos centrais de constituição da individualidade e, nesse sentido, a interpretação que aqui propomos desenha-se já na posição de Adorno e Horkheimer na utilização desse conceito, pois, para estes, trata-se do mesmo mecanismo em suas linhas estruturais mas com desfechos outros — *a identificação é, aqui, instrumento de desindividuação*. Odisseia é a história do herói Ulisses, não de seus marinheiros. Explícita posição ao longo da *Dialética do Esclarecimento*, o conceito de identificação reporta à ordem iluminista no processo próprio de seu caminhar rumo à integração total do homem com a cultura. Nesse

---

problemas posteriores à produção conceitual. No fenômeno da análise das massas, as duas colocações parecem fazer sentido.

6 O que já traria excelentes argumentos para retificar a análise marcuseana, mesmo dos teóricos críticos em geral, acerca da tendência crescente da cultura de não permitir a emancipação e realização de todos, ainda que tenha suficientes dispositivos para tal. Realizar a “promessa do esclarecimento” seria não mais debilitar o Eu, e, com isso, a força das identificações na submissão e das idealizações poderia ter outro desfecho. Certamente teria.

sentido, “o sujeito deve unificar-se com a cultura, transformar-se, ele próprio, na cultura” (ROUANET, 1989, p. 213). Se a autonomia precisará ser desenhada não apesar das sucessivas identificações com as figuras formativas, em Freud, mas justamente por causa delas; no caso das identificações através da interpretação dos autores críticos, trata-se da *perda do particular no universal da dominação*. Se os indivíduos na massa estão identificados entre si, através da similaridade da operação psicológica assumida por todos de deslocamento da figura do superego para o líder Ulisses, compreendemos esse fator de coesão social pelas páginas de Adorno e Horkheimer como uma tendência assistida nas modernas estruturas de massas, mas também nos primórdios da história do esclarecimento. Identificar-se, aqui, é explicitar o caráter da dominação no tolhimento da autonomia e não a premissa psicanalítica da formação da individualidade que poderia caminhar rumo à autonomia.

Com essas transformações e peculiaridades, o objeto externo que se tornou Ideal ganha poderes dignos de sustentar a passagem do barco da civilização pelo estreito das Sereias, não importando quão potente seja seu canto, quão emancipador seja ouvir a verdadeira história – só há ouvidos, mesmo que bloqueados, para Ulisses<sup>7</sup>. Há uma entrega do sujeito ao objeto. Nessa lógica as funções do Ideal do Eu são exercidas de modo externo, quem dita as perfeições, caminhos, é o objeto pois “[...] tudo o que o objeto faz e pede é justo e irrepreensível... na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorso, um criminoso” (FREUD, 2011, p. 72). As explicitações com o laço afetivo do amor são mais do que justificadas do ponto de vista da mobilização da libido, elemento mediador das categorias psíquicas em Freud.

Os trabalhadores alienados, as massas unidas, identificados em sua miséria, idealizando a figura do líder (do pai, do chefe, de Deus), sustentam a civilização nos braços porque faz parte do esclarecimento, em sua dialética peculiar, impedir a autonomia e a realização das promessas culturais para todos desde dentro, faz parte porque desde muito cedo o domínio racional da natureza alcançou o domínio social entre os homens, ampliando as estratégias para mantê-los sob submissão, ainda que essas estratégias sirvam-se de circuitos afetivos e pulsionais. Pensemos nas longas e detidas análises acerca da indústria cultural como a conversão da cultura em mercadoria, isto é, a possibilidade crítica da fruição da arte dissolve-se na lógica da reprodução do consumo unindo indivíduos que se identificam uns aos outros pela aquisição dos bens vendidos na compulsiva lógica do capital. A submissão terá sempre que contar com as forças psíquicas que nela se estruturam. O patrimônio cultural é também o trabalho comandado: sem que sua face real, despida dos mecanismos de adaptação e violência, torne-se tão solar quanto a força imperiosa da razão técnica, da razão desmistificadora, da herança, afinal, extraordinária da nossa civilização.

Finalizando nosso pequeno incurso, podemos perceber que esta problemática não é outra coisa que a motivação essencial da necessidade de unir interpretação marxista com categorias psicanalíticas. O marco histórico da ascensão de Hitler, bem como da futura integração do trabalhador à lógica do consumo com o amortecimento das posições anticapitalistas, exigiram que o fator subjetivo dos indivíduos fosse considerado tão importante quanto suas condições sócio-históricas. Na Alemanha, é preciso recordar que o proletariado, ao apoiar Hindenburg, e mais tarde Hitler, agia em sentido radicalmente contrário às suas próprias condições de classe e seus interesses sociais. A questão “não estava em saber se a social democracia tinha, ou não, iludido os operários, mas em saber por que estes se tinham deixado iludir” (ROUANET, 1989, p. 14), isto é, como é possível que a massa explorada e carente,

<sup>7</sup> “[...]tal identificação, proveniente dessa idealização, implica na total submissão às regras e normas que o caracterizam como membro de um determinado grupo. Assim, se por um lado o seguidor se identifica com o líder, por outro lado também se identifica com os membros do grupo a que pertence” (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 1999, p. 72).

o polo radicalmente oprimido da lógica do capital (àquela altura em sua fase mortiferamente imperialista) pudesse agir contra si mesma? Como é possível que o barco da civilização, seu desenvolvimento que repousa na produção material da riqueza social, cada vez mais integrasse os trabalhadores à lógica e estrutura que os esmagaria cada vez mais? O que podemos sinalizar com nosso percurso é que há formas de integração das pessoas que não só escapam à sua consciência (o que faz repensar a noção de ideologia como falsa-consciência), como são também sustentadas por mobilizações de ordem psicológica que, invisíveis, ocultam a sua real motivação. A psicanálise é chamada para ajudar a explicar uma consciência incompatível com a realidade e, nesse sentido, recontar a história dessa realidade através de seu processo racionalizante e dominador. No limite, recontar a história da civilização ocidental através de sua tragicidade inerente.

“O Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade”, disse certa feita um grande filósofo. Talvez devêssemos acrescentar, afinal, para qual homem é permitido o acesso ao esplendoroso legado cultural que o esclarecimento nos pode ainda ofertar.

---

**Correspondência:** Universidade de São Paulo – USP, Av. Prof. Almeida Prado, 1280 – Butantã, São Paulo – SP – Brasil. CEP: 05508-900. E-mail: fabio.vargas@usp.br

**Apoio financeiro:** Nenhum.

**Conflito de interesses:** Nenhum.

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida à revista *Em curso*.

## Bibliografia

ADORNO, T. W. *Ensaios sobre psicologia Social e Psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ADORNO W. T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

DOBB, M. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FREUD, S. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2011.

HEGEL, W. F. G. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Menezes. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2016.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1981.

NETTO, J. P. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

ROUANET, S. P. *Teoria Crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1989.

ROZITCHNER, L. *Freud e o Problema do Poder*. Tradução de Marta Maria Okamoto e Luiz Gonzaga Braga Filho. São Paulo: Editora Escuta, 1989.

RÜDIGER, F. *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural. Comunicação e teoria crítica da sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004)

ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. *Adorno. O poder educativo do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

**Recebido em:** 31/Jan/2019 – **Aceito em:** 12/Nov/2019.